



**“Eu nunca pensei em um público regional”.**  
**Entrevista com o escritor José Clemente Pozenato**

Aline Brustulin\*

João Claudio Arendt\*\*

(Universidade de Caxias do Sul)

315

**Resumo:** Este texto consiste em uma entrevista acadêmica realizada com o escritor José Clemente Pozenato, que se tornou nacionalmente conhecido com a adaptação para o cinema do seu romance *O quatrilho* (1985) e a sua indicação para o Oscar de melhor filme estrangeiro em 1996. Os questionamentos ao autor têm como base teórica a sociologia da literatura (CANDIDO 2009; COSTA 2007; ARENDT 2011), de forma que aspectos como produção e recepção são abordados, muitas vezes, de forma implícita no texto. Pozenato é convidado a compartilhar sua visão acerca dos desdobramentos de sua carreira literária e acadêmica, desde a publicação da antologia poética *Matrícula* (1967), até os seus projetos literários atuais.

**Palavras-chave:** José Clemente Pozenato; Grupo Matrícula; Sociologia da Literatura.

**Abstract:** This paper consists of an academic interview with the writer José Clemente Pozenato, who became nationally known after the film adaptation of his novel *O quatrilho* (1985) and his Oscar nomination for the best foreign film in 1996. The questions to the author are based on theoretical sociology of literature (CANDIDO 2009; COSTA 2007; ARENDT 2011), so aspects such as production and reception is present in the text, they often appear implicitly. Pozenato is invited to share his viewpoint about the steps of his literary career and academic, since the publication of the poetry anthology *Matrícula* (1967), to his current writing projects.

---

\* Graduada em Letras pela Universidade de Caxias do Sul (2010). Atualmente é aluna do Mestrado em Letras, Cultura e Regionalidade da Universidade de Caxias do Sul/Rio Grande do Sul/Brasil. Endereço Lattes; <http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/visualizacv.do?id=K4799639Y1>. E-mail para contato: [alinebrustulin@hotmail.com](mailto:alinebrustulin@hotmail.com).

\*\* Professor no Programa de Mestrado em Letras, Cultura e Regionalidade – PPGET/UCS – e no Programa de Doutorado em Leitura e Linguagens da Universidade de Caxias do Sul – PDLET/UCS, Rio Grande do Sul/Brasil. Diretor da revista eletrônica Antares (Letras e Humanidades). Ex-bolsista CAPES para Estágio Pós-doutoral na Freie Universität Berlin, sob a supervisão da Profa. Dra. Ligia Chiappini. Endereço Lattes: <http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/visualizacv.do?id=K4799639Y1>. E-mail para contato: [jcarendt@ucs.br](mailto:jcarendt@ucs.br).



**Keywords:** José Clemente Pozenato; Grupo Matrícula; Sociology of Literature

O texto apresentado nas páginas seguintes consiste em uma entrevista realizada com o escritor José Clemente Pozenato, nascido em 1938, em São Francisco de Paula/RS. Bacharel em Filosofia, com pós-graduação em Literatura Brasileira e mestrado em Educação, iniciou sua carreira de escritor como um dos cinco poetas do Grupo Matrícula (1967) e, posteriormente, publicou outras obras de poesia, dentre elas *Vária Figura* (1971) *Carta de Viagem* (1981) e *Meridiano* (1982). Também se dedicou à ficção, muito marcante em sua carreira como escritor, na qual destaca-se a trilogia étnica *O Quatrilho* (1885), *A Cocanha* (2000) e *A Babilônia* (2006). Além de escritor, Pozenato trabalhou, durante muitos anos, como professor da Universidade de Caxias do Sul e, nesse tempo, esteve vinculado ao projeto ECIRS (Elementos Culturais da Imigração Italiana no Nordeste do Rio Grande do Sul), onde participou de diversos trabalhos e pesquisas sobre a cultura de imigração italiana na Serra Gaúcha. Em 2002, juntamente com Flávio Loureiro Chaves, desenvolveu o projeto de criação do mestrado em Letras, Cultura e Regionalidade, inicialmente denominado Letras e Cultura Regional.

O interesse em entrevistar José Clemente Pozenato resulta de um projeto de pesquisa mais amplo que tem por objetivo verificar a atuação do Grupo Matrícula na formação ou na reformulação do ambiente intelectual do final da década de 1960, na Serra Gaúcha. Portanto, trabalha-se com questões sociológicas da literatura, como, por exemplo, a noção de sistema literário, em que a literatura é percebida como um sistema de comunicação que se estabelece entre escritores, obras e leitores. Não serão aprofundadas questões teóricas acerca da sociologia da literatura nesta entrevista, mas é preciso perceber que os questionamentos estão voltados para uma reflexão que tem como pressuposto a noção de sistema literário. Dessa forma, entende-se que:

Revista Litteris – [www.revistaliteris.com.br](http://www.revistaliteris.com.br)

n. 12 - setembro de 2013



O sistema literário começa pelos *produtores* (dramaturgos, poetas, romancistas, contistas, tradutores) no papel de emissor; tem uma *instituição* que regula as relações e dita as regras (editoras, universidades, críticos, redes de comunicação de massa) ocupando a posição do contexto do esquema de Jakobson, um *mercado* que possibilita a distribuição do produto (distribuidoras, livrarias, bibliotecas, redes de comunicação de massa, Internet) na posição do canal de comunicação; os *consumidores* (leitores) na posição do receptor, o *repertório* comum, que permite a compreensão do produto, na posição do código (modelos produtivos compartilhados pelo produtor e pelo consumidor. a língua, por exemplo) e um *produto* (o texto literário e seus modelos de produção, por exemplo) na posição de mensagem. (COSTA, 2007: 23)

A partir das afirmações de Costa (2007), são identificados os principais elementos que envolvem um sistema literário. Além desses elementos comuns presentes em todos os sistemas literários, há outros que podem ser considerados, dependendo do objeto de análise. Citam-se, como exemplo, a língua, uma identidade regional em comum, condições históricas, circunstâncias étnicas, entre outros. Arendt (2011) afirma que um sistema literário está vinculado à difusão e ao prestígio do texto literário, portanto, reforçando a ideia de sistema literário como um sistema de comunicação (COSTA, 2007).

Apresentar o Grupo Matrícula também é imprescindível para se entender o importante papel que essa “parceria” teve nos desdobramentos das carreiras de cada um dos integrantes do Grupo, neste caso específico, de José Clemente Pozenato. O Grupo Reunião surgiu no ano de 1967 com a publicação da antologia poética *Matrícula*, e tinha como participantes Oscar Bertholdo, Jayme Paviani, José Clemente Pozenato, Ary Nicodemos Trentin e Delmino Gritti. Tendo em vista as informações encontradas nas fortunas críticas do Grupo, os críticos destacam que a poesia produzida por esses autores avançava além dos parâmetros simbolistas e neoclássicos ainda vigentes na época, dessa forma promovendo uma renovação/reformulação da poesia gaúcha. A publicação do Grupo rompeu, assim, com a literatura saudosista, ufanista e etnocêntrica



existente na região da Serra Gaúcha e, mesmo que em âmbito regional, fez parte da nova geração de poetas que surgia no Rio Grande do Sul, no final da década de 1960.

Pensando nos escritores que integraram o Grupo e que ainda poderiam ser entrevistados, a escolha de José Clemente Pozenato tem forte relação com os desdobramentos de sua carreira como escritor e pesquisador. A publicação da antologia *Matrícula* (1967), em Caxias do Sul, é apenas o passo inicial para tudo o que estaria por vir, até chegar ao ápice de sua carreira, com a indicação do filme *O Quatrilho* ao Oscar, em 1995.

Os demais escritores do grupo também continuaram a produzir poesia, com exceção de Delmino Gritti, como pode ser constatado na edição comemorativa de 40 anos de *Matrícula*<sup>1</sup>. Diferentemente de Pozenato, que teve seu romance reconhecido em um nível de circulação nacional e, até mesmo, internacional, Oscar Bertholdo, Jayme Paviani e Ary Nicodemos Trentin reservaram-se a publicar poemas em um âmbito mais restrito ao Nordeste Sul-riograndense. Portanto, acredita-se ser de suma importância registrar os principais desdobramentos da carreira literária e acadêmica de Pozenato, desde a publicação da antologia *Matrícula* (1967), até os dias atuais.

No dia quinze de maio de 2013, em uma das salas do Programa de Mestrado em Letras, Cultura e Regionalidade da Universidade de Caxias do Sul, foi realizada a entrevista com o autor de *A cocanha*. Como poderá ser observado ao longo da leitura, as perguntas foram organizadas de forma que se pudesse ter a noção cronológica dos acontecimentos biográficos, acadêmicos e literários do autor. Parte-se de perguntas

---

<sup>1</sup> Vide referências bibliográficas.



acerca da publicação da antologia poética *Matrícula* (1967); em seguida, os questionamentos voltam-se para informações acerca dos desdobramentos de sua carreira literária, com a publicação da trilogia, especialmente, de *O Quatrilho* (1995); depois, seguem perguntas relacionadas a sua participação no projeto ECIRS e à criação do Mestrado em Letras, Cultura e Regionalidade; há, também, reflexões sobre os avanços teóricos feitos pelo autor no que tange ao tema da identidade cultural regional; e, finalmente, ele é questionado acerca do papel do livro nos tempos modernos, bem como de seus planos futuros quanto à produção literária.

**1. No ano de 1967, surgem o Grupo Matrícula, a Universidade de Caxias do Sul e o Concurso Anual Literário. Por que esse ano foi tão marcante para Caxias do Sul?**

Na realidade, o ambiente do Grupo Matrícula se encontra na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras que surgiu antes da Universidade e neste ambiente, da Universidade, uma série de atividades passaram a ser desenvolvidas, inclusive seminários que organizávamos para discutir literatura por exemplo, gêneros literários com os estudantes da época. O que o Grupo Matrícula traz em comum em sua bagagem literária é que todos tiveram uma formação em cultura clássica, ou seja, todos passaram por Seminários, estudaram latim, leram Horácio e Ovídio em latim, estudaram grego e leram poemas de Homero em grego. Além disso, todos estudaram línguas neolatinas, como italiano e francês, pois o inglês não fazia parte das preocupações da época. Foi um Grupo que teve uma formação chamada clássica comum, ou seja, tínhamos a mesma perspectiva. Acrescenta-se ainda que, dentro do ambiente do Seminário, todos tinham uma produção anterior à antologia *Matrícula*, fazíamos poesia e publicávamos na revista do próprio Seminário. E quando nos encontramos na Faculdade de Filosofia, surgiu a ideia de apresentarmos o nosso tipo de poesia ao público que se diferenciava da poesia

Revista Litteris – [www.revistaliteris.com.br](http://www.revistaliteris.com.br)



produzida até então em Caxias do Sul, publicada em jornais, com marca Parnasiana e Neo-simbolista. Nós já tínhamos passado por isso, já havíamos lido todos os poetas modernos europeus, como Péguy e Rilke. E também achávamos que a poesia tinha que “dar um salto”, avançar, ou seja, não apenas produzir uma poesia de caráter estético, mas que era preciso colocar ideias dentro do poema, dar uma importância existencial para o gênero, como nós líamos nos poemas europeus. Assim, surgiu a ideia de fazermos uma publicação em conjunto para dividir os custos.

**2. A antologia poética *Matrícula* (1967) marcou o final da década de 1960. Ao publicarem, os integrantes do grupo buscavam um público leitor específico? Como foi a recepção (público e crítica especializada) da obra?**

Nós acreditávamos que o nosso público leitor seria aquele que tivesse vivência com o mundo literário. Na Faculdade de Filosofia, havia o curso de Letras, portanto, tínhamos em mente que professores e estudantes universitários seriam o nosso público-alvo. Além disso, os nossos contatos literários em Caxias do Sul e, até mesmo, em Porto Alegre, levavam-nos a acreditar que o ambiente literário em geral faria parte da recepção de nossa poesia. Não tínhamos a intenção de produzir apenas para o público de Caxias do Sul. Sobre a crítica, tivemos uma repercussão nacional, pois, na semana em que lançamos a antologia poética, foi publicada por Nelson Werneck Sodré, em uma revista do Rio de Janeiro, a notícia de que haveria o lançamento da obra *Matrícula*. A partir disso, Oscar Bertholdo brincava: “Agora temos que nos mudar para o Rio de Janeiro”. A nossa intenção era realmente fazer uma poesia de marca nacional e não urbana, paroquial ou estadual. No Rio Grande do Sul, um momento marcante do Grupo *Matrícula* foi o dia do lançamento, na Livraria do Globo, em Porto Alegre, quando Guilhermino Cesar fez o discurso de lançamento da nossa antologia. Na época,



Guilhermino Cesar já havia publicado a *História da Literatura do Rio Grande do Sul* e era considerado um crítico literário que “abria as portas” para os escritores mais jovens. Nesse dia, o crítico declarava: “Esses (os escritores do Grupo Reunião) já entraram no pantheon da literatura”. Então, foi para todos nós um ato marcante, uma espécie de consagração do trabalho que havíamos acabado de fazer.

### **3. Por que houve apenas uma publicação do grupo? O Grupo Matrícula fazia reuniões? O que era discutido nessas reuniões?**

Primeiramente, deve-se lembrar de que nós não éramos um Grupo, cada um fazia poesia dentro da sua perspectiva, nós não tínhamos reuniões para discutir que tipo de poesia iríamos publicar. No entanto, como tínhamos decidido publicar em conjunto, achamos interessante nos caracterizarmos como um grupo. Não nos nomeamos como Grupo Matrícula, mas como Grupo Reunião, a crítica é que fez essa alteração. E o título da antologia (*Matrícula*), segundo Oscar Betholdo, que escolheu esse nome para a obra, a palavra *Matrícula* tem a raiz de *matter*, onde nasce tudo, e também tem relação com a matrícula da escola. Não éramos um grupo militante, etc., por isso, também, que conseguimos visibilidade no meio crítico e literário e, após o *Matrícula*, cada um passou a publicar de forma independente. Acho que não publicamos mais juntos, porque cada um tinha uma poesia tão própria, que o leitor iria identificar facilmente a característica de cada um dos quatro escritores (Oscar Bertholdo, José Clemente Pozenato, Jayme Paviani e Ary Nicodemos Trentin) que continuaram publicando poesia.

### **4. Como era o ambiente literário em que surgiu o Grupo Matrícula? Qual tipo de literatura era produzida na Serra Gaúcha? Existiam outros grupos que publicavam literatura?**



Que eu tenha conhecimento, não havia outros grupos que publicavam literatura. Apenas sei que havia um grupo que tinha criado a Academia Caxiense de Letras, alguns anos antes, em 1962, o que nos mostra que o ambiente literário estava em certa efervescência na cidade. No entanto, a academia reunia aquele tipo de escritores que nós considerávamos da linha tradicional, por isso, nenhum de nós do *Matrícula* teve interesse em participar da Academia. Nós queríamos criar uma vertente dentro da poesia feita aqui na cidade que estivesse sintonizada com o mundo e não com a velha condição da poesia Neo-clássica e Parnasiana.

**5. Ao observarmos as notas de apresentação e fortunas críticas dos livros de poemas, publicados individualmente por cada um dos integrantes do grupo Matrícula, percebemos certa “cumplicidade”. Por exemplo, Jayme Paviani escreve uma nota de apresentação sobre a poesia de Oscar Bertholdo no livro *Lugar* (1976), você escreve sobre Paviani e recebe comentários dele em diversas de suas publicações, entre outros casos. Há algum motivo para isso?**

Você pode chamar de cumplicidade, pois, dentro da nossa perspectiva, o melhor leitor que nós tínhamos éramos nós mesmos. Exatamente por causa dessa bagagem comum, do horizonte comum que tínhamos da poesia. Por exemplo, o Bertholdo sabia que eu tinha lido Péguy. Então, como ele tem a forte influência desse escritor em sua poesia, ele sabia que eu era a pessoa certa para falar sobre os seus poemas, pois eu também conhecia esse escritor. Portanto, é uma relação de cumplicidade, a partir da perspectiva de que nós entendíamos que o melhor leitor daquilo que estávamos produzindo era o colega que estava no mesmo projeto.

**6. Houve influências marcantes do Matrícula nos desdobramentos de sua carreira? Quais foram?**

Revista Litteris – [www.revistaliteris.com.br](http://www.revistaliteris.com.br)

n. 12 - setembro de 2013





Para mim, a poesia foi um exercício de controle da linguagem muito importante, para depois eu escrever em prosa de ficção. Na produção da poesia, faz parte não “se derramar”, mas conseguir o máximo possível com o mínimo de palavras, ou seja, é a busca da simplicidade. Há um dos meus poemas em que eu digo exatamente isso: “O simples é o difícil”. Então, a poesia para mim foi esse exercício da busca do simples na linguagem com o máximo possível de significado. Quando eu comecei a escrever romances, essa disciplina foi muito importante. Pode-se observar que eu não escrevo um romance com setecentas páginas, isso não é necessário; com duzentas e trinta páginas eu posso dizer tudo, não é preciso escrever três vezes mais. E o resultado é que, com essa maneira ‘enxuta’ de narrar, eu chamei a atenção de quem trabalha com cinema, a narrativa visual que precisa de narrativas ‘enxutas’, pois você não poder fazer um filme em que a personagem começa a fazer uma fala estilo Rui Barbosa. Foi esse fato de produzir um tipo de narrativa despojada daquele belezismo Neo-parnasiano que fez os meus textos se aproximarem de uma linguagem mais contemporânea, ou seja, aquilo que o Machado de Assis buscou a vida inteira. Em uma conversa com um produtor de televisão, na época, ele me disse que os diálogos dos meus romances podiam ser usados integralmente em um filme, pois já eram cinematográficos. Além disso, ele afirmou que, se eu fosse trabalhar no cinema em Olinda, eu seria contratado como dialoguista. E foi a poesia que me ensinou a tirar o que “não precisa” dos meus textos.

**7. Em sua trilogia (*O quatrinho*, *A cocanha* e *A babilônia*), aparecem expressões provindas do dialeto vênето. A utilização desses termos tem relação com o público leitor que você desejava atingir?**

Eu nunca pensei em um público regional, sempre pensei em um público de língua portuguesa. E o fato de eu introduzir essas palavras na língua portuguesa, como, por

Revista Litteris – [www.revistaliteris.com.br](http://www.revistaliteris.com.br)



exemplo, *Quatrilho* e *Cocanha*, com o sentido que tinha na Itália e na França e não tinha aqui, faz parte de um processo de integrar essa cultura regional na cultura nacional. Não é para atender ao bom gosto do leitor da região de imigração italiana da Serra Gaúcha, mas para chamar a atenção de quem não é dessa região. Quando começou a produção do filme *O Quatrilho*, Fábio Barreto quis colocar no contrato uma cláusula, na qual ele poderia mudar o título do filme. Então, eu questionei essa atitude e ele me respondeu que o título não iria repercutir, pois *Quatrilho* era uma palavra que não existia em língua portuguesa. Assim, decidiram dar outro título ao filme, *Trocando corações*. No entanto, no dia do lançamento da produção eu indaguei novamente o Fábio Barreto sobre qual título os jornais do Rio de Janeiro e de São Paulo dariam ao filme (*Quatrilho* ou *Trocando corações*) e ele me respondeu que todos chamariam o filme com o título escolhido por ele. No outro dia, os jornais do Brasil inteiro colocaram a manchete: “Lançada a produção de *O Quatrilho*”. E a palavra entrou para o português; apenas ainda não está nos dicionários. Na editora em Porto Alegre, o editor também queria mudar o nome do livro e foi o conselho editorial, do qual participava Charles Kiefer, que “bateu o pé” e afirmou que, se a palavra não existia em português, ela iria existir. Então, a intenção não é atender a região, fechar a região, mas, ao contrário, abrir esse mundo para o resto do país, ou melhor, para os países de língua portuguesa; eu recebi crítica sobre *O Quatrilho*, até mesmo, em Portugal.

**8. A partir da publicação da trilogia *O quatrilho* (1985), *A cocanha* (2000) e *A babilônia* (2006), a ascensão de sua carreira foi notável. Após a indicação do filme *O quatrilho* ao Oscar e a repercussão nacional e internacional do romance que você escreveu, qual é a sua avaliação sobre a sua carreira de escritor antes e depois do sucesso de *O quatrilho*, e quais foram as suas implicações/consequências?**



Vou dar uma resposta que irá surpreender. Para mim nada mudou. Apenas confirmou que eu estava com o projeto correto e que o que eu estava escrevendo não se limitava à região, que a minha obra realmente se ampliava e passava a interessar a outros âmbitos.

**9. Sabe-se que o ECIRS (Elementos Culturais da Imigração Italiana no Nordeste do Rio Grande do Sul) é um projeto que tem desenvolvido um trabalho de divulgação e valorização do patrimônio cultural da região de imigração italiana. A sua participação no projeto contribuiu para a sua carreira de escritor?**

Foi importante a minha participação no projeto, porque me forneceu material ao qual eu não teria tido acesso, se eu não tivesse participado desse trabalho. Na realidade, eu nunca fui a campo entrevistar alguém, por exemplo, mas eu ficava lá lendo os relatórios e demais materiais pesquisados. E foi pela leitura desses documentos que eu tive acesso a dados da vida cotidiana da região, os tipos de conflitos enfrentados etc., que foram muito importantes para eu reconstituir o ambiente nos meus textos. Isso também explica a razão de eu ter escrito *O Quatrilho* antes de *A Cocanha*; chegou um momento em que eu já tinha todo o material para escrever *O Quatrilho*. Por exemplo, eu tinha dados sobre como funcionava o armazém daquela época, a casa de comércio de colônia, entre outros; todas essas informações já haviam sido pesquisadas. No entanto, eu não sabia como era na Itália quando os imigrantes vieram para o Brasil, como foi esse percurso de navio etc., dados que só apareceriam em *A Cocanha*. Para escrever ficção, eu sempre digo que é preciso escrever como se fosse verdade, tem que parecer que é verdade.

**10. Em 2002, foi criado o Programa de Pós-graduação em Letras e Cultura Regional, hoje denominado Letras, Cultura e Regionalidade. Como foi a sua atuação tanto na criação, quanto no desenvolvimento do Programa?**



Nós começamos montando, primeiramente, um projeto de mestrado na área da história regional, que foi para a CAPES e a comissão avaliadora considerou que não tinha consistência, porque havia mais professores de literatura, do que de história no programa proposto. Na época, Flávio Loureiro Chaves estava encerrando a sua carreira na UFRGS e estava dando aulas na França. Então, eu o convidei para participar do projeto de criação do Mestrado em Letras na Universidade de Caxias do Sul. Ele aceitou e nós aproveitamos o projeto anterior de História Regional para incorporarmos dois ou três professores da área de Estudos Sociais e de História, e decidimos fazer o programa de mestrado não apenas em Letras, mas interdisciplinar, ou seja, Letras e Cultura Regional. O projeto foi montado considerando o perfil do corpo docente, conforme as orientações da CAPES. Quando eu assumi a coordenação, algo que já havia me chamado a atenção era o caráter limitador da expressão “Cultura Regional”, que intitulava o nosso programa de pós-graduação. Eu nunca me esqueço que, na primeira prova de seleção para o ingresso no mestrado, apareceu um cidadão de bombachas, botas e lenço vermelho no pescoço, que achava se tratar de um mestrado sobre tradicionalismo. Além disso, de uma maneira geral, a própria CAPES e os avaliadores do programa entendiam “Cultura Regional” como um fechamento dentro da região. Então, após assumir a coordenação, eu propus, através de um ofício para a CAPES, que essa denominação intencionava certa limitação regional do programa, quando na realidade o propósito era analisar as relações da literatura com os territórios regionais. Tanto que nós tivemos dissertações no programa sobre Frederico García Lorca, da Sevilha, Gabriel García Marquez, da Colômbia, sobre não sei quem lá na Bahia, etc. Então, não é um programa de mestrado da cultura regional da imigração italiana da Serra Gaúcha ou do gaúcho como muitos pensavam. O programa propõe o estudo das regionalidades, ou seja, a relação da literatura com a sua região, sendo que essa relação sempre existiu. Então, mandei o ofício para a CAPES, propondo a alteração do título do

Revista Litteris – [www.revistalitteris.com.br](http://www.revistalitteris.com.br)



programa para Letras, Cultura e Regionalidade, e em uma semana eles deram a aprovação. Dessa forma, pode-se notar que está dentro de uma proposta de levar a região para um contexto maior e não, ao contrário, trazer tudo para dentro da região.

**11. Você avançou em suas reflexões sobre região, regionalidade e regionalismo apresentadas no texto *Algumas considerações sobre região e regionalidade (2003)*? Que avanço é esse?**

Eu não tenho mais escritos sobre a questão. O avanço maior que eu fiz foi mudar o nome do mestrado que sinaliza bem o que entendo sobre o tema. Acho que, em substância, o que eu afirmei naquele ensaio é o que eu continuo pensando, ou seja, a região é uma construção. Não há uma região dada pela natureza; a região é, segundo Bourdieu, aquilo que você denomina como uma região. Eu não senti a necessidade de continuar escrevendo sobre o assunto, mas, alguns dias atrás, um estudante da Bahia que deseja estudar regionalidade entrou em contato comigo exatamente sobre essa questão, para saber se eu tinha mais escritos sobre o assunto. Acredito que aos poucos as coisas vão mudando, ainda não temos no dicionário a palavra regionalidade, apenas regionalismo, mas com o tempo essa palavra poderá ser adicionada. A primeira vez que eu escrevi sobre isso foi em 1974, em *O regional e o universal*, no qual eu afirmava que se deveria distinguir regionalismo de regionalidade, pois regionalismo é um propósito ideológico, e regionalidade, um propósito literário. Há pesquisadores que estão levando adiante o estudo; eu li um estudo do professor Rafael José dos Santos (UCS), muito interessante, no qual ele pesquisa a ideia de região a partir de escritores do século XIX. O professor João Claudio Arendt (UCS) também trouxe materiais da Alemanha sobre o tema e eu estou satisfeito, pois acho que dei a minha contribuição para desenvolver o tema. Quando eu publiquei o meu primeiro texto, em meados de 1970 (*O regional e o universal*), recebi críticas de uma colega da universidade dizendo que eu estava fora do

Revista Litteris – [www.revistalitteris.com.br](http://www.revistalitteris.com.br)



foco dos estudos da literatura brasileira, mas, depois de todo esse tempo, ela mudou de concepção.

## **12. Diante da efervescência dos nossos tempos, como você percebe o momento literário atual?**

Eu penso como Milton Santos, que é um geógrafo. Ele afirma que toda a multiplicação dos meios de comunicação de uma globalização, ao mesmo tempo em que permite um intercâmbio supralocal, ajuda a aprofundar as relações locais. Podemos pensar no exemplo das redes sociais como o Facebook: se o sujeito quiser, pode ter contato com pessoas do mundo inteiro e pessoas que só poderiam se encontrar no final de semana, uma vez por mês, podem se encontrar diariamente via essa tecnologia. Então, o que eu quero dizer é o seguinte: que o conceito de região não vai desaparecer. Ao contrário, e isso eu afirmo no meu ensaio e repetindo um pouco o que outros autores pensam, acredito que as relações globais estimulam o aprofundamento das relações regionais e locais. Região não é a região da Serra gaúcha, não é o Rio Grande do Sul; são aqueles que participaram de um projeto em comum em uma universidade, por exemplo, e continuam mantendo uma relação, assim criando uma região para eles. Então, todas essas novas possibilidades de comunicação não vão desfazer a dimensão da regionalidade. O que eu percebo, na realidade, é que isso faz com que as regionalidades se tornem mais visíveis. E no campo da literatura, a questão é se, com os meios de comunicação eletrônicos, o livro irá perder o seu lugar; no entanto, eu não vejo algum sinal disso. Já houve profetas que anunciaram que em 2005 seria publicado o último livro, mas, quase dez anos depois, continuam se fazendo livros cada vez mais bonitos e com um papel cada vez melhor. Acho que vai mudar um pouco a maneira de escrever, de fazer poesia e de narrar histórias, mas vai continuar havendo poesia e narrativa. O escritor Machado de Assis dizia, quando houve a discussão de se o jornal iria acabar

Revista Litteris – [www.revistaliteris.com.br](http://www.revistaliteris.com.br)



com o livro, que: “Talvez sim, talvez não, mas com a literatura não vai acabar, certamente vai obrigar o escritor a mudar a maneira de escrever para se dirigir a um público que tem o jornal como meio de leitura.” Assim como o escritor mudou quando surgiram o cinema, o rádio, a televisão, ele terá que mudar agora com o surgimento da internet.

**13. Escritores, normalmente, leem também outros escritores. Quais escritores você aprecia ler? As suas leituras servem como fonte de inspiração para continuar escrevendo? O que você está lendo no momento?**

O meu aprendizado de escrita começou com Machado de Assis e Clarice Lispector, que são as duas referências maiores na literatura brasileira. Destaco Clarice Lispector pela capacidade que ela tem de criar o drama interior da personagem. Depois eu descobri, imagine que eu leio de tudo um pouco, um escritor que foi importante para mim, o Vargas Llosa. Temos muito em comum, eu na região do Brasil e ele na região do Peru; a maneira de ele ver a literatura é praticamente a mesma que a minha, além disso, ele fez doutorado sobre Flaubert, na França, o que faz a narrativa dele também acompanhar as transformações do tempo. De uma maneira geral, eu aprendo com todos os escritores que eu leio. Atualmente no Brasil eu considero um escritor muito bom Rubem Fonseca, com quem eu aprendo, mas, como eu disse, aprendo com todos, em sua maioria. Acabei de ler um livro da Marina Colasanti que eu não tinha lido ainda, mas eu sempre estou lendo alguma coisa, normalmente vários livros ao mesmo tempo. No momento, eu estou me dedicando à tradução de todo *O Cancioneiro*, de Petrarca, que é uma experiência totalmente nova, mas ao seu tempo eu vou falar mais sobre esse livro.

**14. No início de sua carreira, você publicou em editoras locais, como a maior parte dos escritores iniciantes. Depois você migrou para a editora Mercado Aberto, em**

Revista Litteris – [www.revistaliteris.com.br](http://www.revistaliteris.com.br)

**Porto Alegre. Por que você escolheu voltar a publicar em uma editora de abrangência regional?**

Porque a indústria do livro no Brasil é a mais obsoleta que existe. O ideal seria você entrar em editoras de âmbito internacional, pois as editoras nacionais são todas iguais. Eu saí da editora Mercado Aberto (Porto Alegre) porque ela faliu me devendo uma boa quantidade de dinheiro. Então, eu fui procurar outra editora, tentei em três, e, quando nós chegávamos no ponto de como iríamos desfazer as relações com a editora Mercado Aberto, todas desistiam dos trâmites. O Maneco (Caxias do Sul) veio falar comigo, trouxe o seu advogado para examinar a situação e disse que “correria o risco”. Então, eu aceitei publicar com a editora dele, que foi o único sujeito de coragem que eu encontrei. Foi a solução! Senão, eu não teria mais editora para publicar meus livros.

**15. Depois de tantos livros escritos, quais são os seus próximos projetos?**

Atualmente, estou terminando a tradução do Petrarca, já fiz contato com editoras, o processo já está tramitando, mas ainda preciso terminar as notas de rodapé explicativas e alguns outros detalhes. Portanto, nos próximos meses, estarei envolvido com esse projeto. Depois, eu vou retomar um romance que eu já comecei, do qual já tenho umas trinta páginas, mas em função de alguns compromissos pessoais eu deixei para escrever posteriormente. Será um romance de ambientação universitária. Além disso, talvez eu escreva um romance policial sobre os motoristas de táxi, porque ninguém ainda contou uma boa história sobre este ambiente, cada profissão tem o seu ambiente e abre uma janela para um mundo também diferente. Essas são motivações para escrever. Mas sobre universidade eu quero desfazer a má impressão que as pessoas têm do meio universitário, achando que nele predomina o exercício da razão, e isso não é verdade.

**Bibliografia literária de José Clemente Pozenato**

Revista Litteris – [www.revistaliteris.com.br](http://www.revistaliteris.com.br)

n. 12 - setembro de 2013





José Clemente Pozenato publicou sua primeira obra em 1967, uma antologia poética denominada *Matrícula* (1967) que surgiu a partir da parceria com Oscar Bertholdo, Jaime Paviani, Ary Nicodemos Trentin e Delmino Gritti. No âmbito da poesia, publicou ainda *Vária figura* (1971), *Carta de Viagem* (1982), *Meridiano* (1983) e *Cánti Rústegui* (1993). Além de poesia, o autor também publicou ficção: *O caso do martelo* (1985), novela policial que foi adaptada para a televisão; *O Quatrilho* (1985), romance que foi adaptado para o cinema por Fábio Barreto, e concorreu ao Oscar em 1996, na categoria de melhor filme estrangeiro; *O caso do loteamento clandestino* (1989) e *O caso do e-mail* (2000), que também são novelas policiais; *A Cocanha* (2000) romance que conta a história da chegada dos imigrantes italianos no Rio Grande do Sul; *A Babilônia* (2006), romance que faz o fechamento da trilogia sobre a história dos imigrantes italianos e seus descendentes. No gênero conto, o autor publicou *O limpador de fogões* (1998). No ano seguinte, publicou *Conversa solta* (1999), no qual reuniu algumas de suas crônicas publicadas no Jornal Pioneiro (Caxias do Sul). O autor também escreveu dois livros para o público infantil: *O jacaré da lagoa* (1990) e *Pisca-tudo* (2001).

### Referências Bibliográficas

ARENDDT, João Claudio. Contribuições alemãs para o estudo das literaturas regionais. *Pandaemonium Germanicum*, São Paulo, n. 17, p. 217-238, jul. 2011.

CANDIDO, Antonio. *Formação da literatura brasileira*. 12. ed. São Paulo/Rio de Janeiro: Ouro sobre o azul, 2009.

CHAVES, Flávio Loureiro. RIBEIRO, Cleodes Maria Piazza. (Org.). *Matrícula*. Caxias do Sul: Educs, 2007.

COSTA, Maurício Alves da. *Teoria do Polissistema: do folhetim ao blog, o polissistema literário brasileiro sob a interferência da internet*. 2007. 184f. Dissertação



(Mestrado em Literatura Comparada) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul,  
Porto Alegre, 2007.